

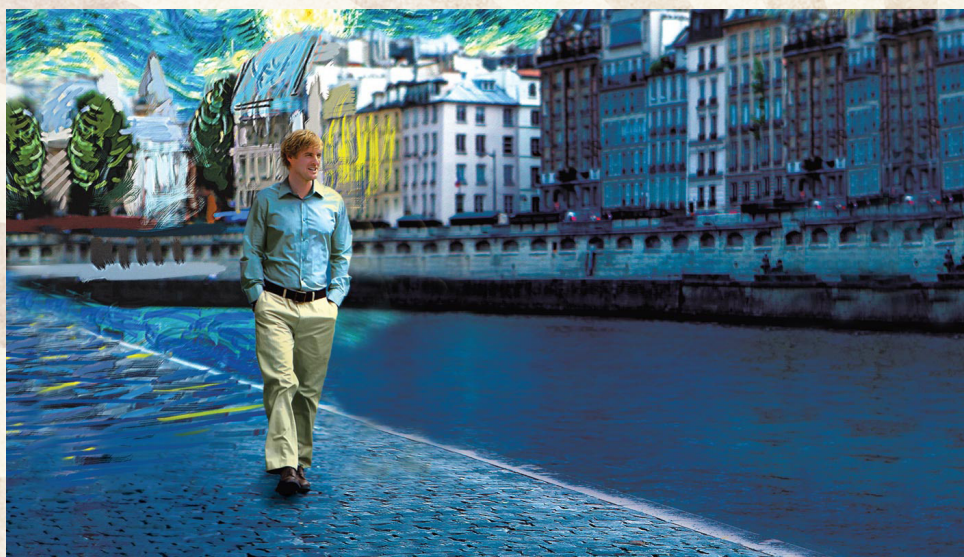
A eterna nostalgia

*O sentimento já foi retratado algumas vezes no cinema. Um dos casos mais recentes foi no filme *Meia-noite em Paris*, que através de encontros do personagem principal com um passado idealizado encanta o público*

ANA CAROLINA SARMENTO SOARES PORTO E
MILENA LOURENÇO

Se você pudesse voltar para um momento da história por algumas horas, para onde você iria? Provavelmente, a escolha seria um período que lhe encanta, com figuras marcantes que se tornaram celebridades com o passar dos anos. Essa é a premissa do filme *Meia-noite em Paris*, uma história que conferiu ao diretor Woody Allen o Oscar de Melhor Roteiro Original e encantou pessoas em todo o mundo por falar de um tipo de nostalgia muito comum: a que não foi vivida.

O protagonista Gil (interpretado por Owen Wilson) é um roteirista de Hollywood que se sente incomodado por fazer filmes industriais, considerando-os medíocres mesmo com as boas bilheterias. Para mudar essa realidade, Gil começa a escrever um livro cuja história é a de um homem que trabalha em uma loja nostálgica, isto é, um local que vende objetos usados para pessoas que vivem no passado e creem que



*Cena do filme *Meia-noite em Paris* com o fundo mesclado com pintura*

seriam mais felizes nesse período. Com medo do fracasso, ele se torna inseguro e não permite que ninguém leia a história antes que ela seja finalizada. O protagonista de seu livro nada mais é do que um retrato do próprio Gil, que gostaria de viver em outra época, mais especificamente em Paris na década de 1920. Por conta do fascínio, ele viaja para a cidade com a noiva à procura de inspiração. Para a sua surpresa, todos os dias, à meia-noite, ele volta para o passado que tanto sonhou e conhece os ilustres es-

critores que mais admira.

Gil vive a chamada “síndrome da Era de Ouro”, na qual se acredita que a vida em um período no passado era bem melhor do que a do presente. Essa época é idealizada e imaginada da forma que gostaríamos que ela fosse. Com o decorrer do filme, Woody Allen nos mostra que essa nostalgia de um período não vivenciado sempre existiu e que não é exclusiva dos anos 2000. O presente aparece como algo chato e insatisfatório, por isso as pessoas no passado eram felizes.

O cinema

Sucesso de crítica e público, *Meia-noite em Paris* levanta questões que não envelhecem, e podem ser debatidas em qualquer época. Para o professor da PUC-Rio e crítico de cinema Arthur Dapieve, o filme tem uma maneira muito madura de lidar com a questão do passado.

Acho que *Meia-noite em Paris* é um filme muito feliz sobre nostalgia, porque ao mesmo tempo em que ele tem o veneno, ele tem o soro que salva. Ele mostra a coisa charmosa da nostalgia, mas mostra que ela tem um problema meio paralisante, você sempre idealiza demais o passado, conta.

Woody Allen detém o recorde de maior número de roteiros indicados ao Oscar: são 16 ao todo. Desde 1982 o diretor não ficou um ano sem lançar pelo menos um filme, e ao longo de sua carreira são contabilizadas 51 produções cinematográficas. Com um currículo tão extenso, ele consegue fazer longas bem diversos, mas ao mesmo tempo muito característicos.

Woody Allen foi sempre um pouco nostálgico, mas eu acho que nunca tão maduramente nostálgico como nesse filme. Se você pegar filmes como *Manhattan*, que alguns dizem que é o melhor dele (em preto e branco), tem uma coisa nostálgica, uma Nova York meio desaparecendo, uma Nova York idealizada, que talvez nem ele tenha vivido, pois nasceu em 1939. Acho que *Meia-noite em Paris* é feliz porque ele já consegue olhar para a nostalgia, e, sobretudo, talvez por ela ser em outro lugar,



Gil interagindo com Adriana (Marion Cotillard), uma moça que ele conhece no passado

ele se distancia da nostalgia e pensa mais criticamente sobre ela, analisa Dapieve.

Essa boa saudade de um momento que já se foi nos faz esquecer o lado negativo do período. Adultos, por exemplo, costumam ver a infância como um dos períodos mais felizes de suas vidas, mas se esquecem das privações e da vontade que tinham de crescer logo. É muito comum ouvir um jovem, no Brasil, falar que gostaria de ter vivido nos anos 1970 ou 1980. A justificativa costuma ser em relação ao período do movimento *hippie* e à proliferação de bandas que se tornaram ícones, na chamada Era do Rock. Ao mesmo tempo, o país vivia uma ditadura, com pessoas sendo torturadas e uma liberdade de expressão ceifada. Segundo Dapieve, no cinema o sentimento não é diferente.

Filmes de época tendem

a ser nostálgicos. *Orgulho e Preconceito* parece lindo, né? As pessoas morriam de tuberculose aos 15 anos, mas aquilo é pintado de uma maneira diferente. Então filme de época tende a ser meio nostálgico, a não ser que seja sobre uma guerra, aí você se sente privilegiado por não viver na época da Segunda Guerra Mundial, nem da Primeira. A nostalgia engancha muito a atenção das pessoas e não só no cinema, porque ela pressupõe um passado que está sob controle. As coisas do passado não te atingem mais, pelo menos não da maneira que atingiam, então parece que ele é melhor, explica.

A literatura

Mas não é só a sétima arte que pode ser analisada pelo longa de Woody Allen: a questão literária está presente em todos os



Professor da PUC-Rio e crítico de cinema, Arthur Dapieve

momentos. Não são poucos os ídolos que Gil encontra: F. Scott Fitzgerald, Ernest Hemingway e Gertrude Stein são apenas os exemplos mais marcantes. O protagonista se espelha nessas célebres figuras para compor o livro ao qual tanto se dedica. A professora de Literatura Giovanna Dealtry afirma que a escolha da cidade se deve muito ao fato de Gil ser um escritor literário iniciante.

Ele elege, como tantos outros, a cidade de Paris no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX como esse lugar onde a inspiração, a presença e a vivência daqueles personagens vão estar ali. É como se esse fosse o lugar para se estar, para se tornar um escritor. Foi isso que fez com que nomes tão variados como Hemingway e Müller migrassem para Paris fugindo de guerras ou de problemas civis nos seus países, explica.



Professora da PUC-Rio Giovanna Dealtry

Toda obra, seja ela literária ou não, tem influência de outra feita anteriormente. O próprio Gil é um exemplo, pois segue os passos de seus ídolos como fórmula para escrever uma boa história. Mas o forte resgate ao passado pode ser considerado hoje uma exceção, como explica a professora Giovanna.

A partir do Romantismo há uma ruptura com a ideia de que o passado é melhor, uma vontade e interesse muito grandes pelo presente e pelo futuro, que quebra com todos os modelos do passado e olha para o presente. Por isso nas Artes Plásticas e na Literatura, por exemplo, muitos desses nomes não vão ser aceitos na Europa tão facilmente. Baudelaire e Verlaine são aceitos nos círculos deles, mas não são aceitos publicamente porque estão rompendo com os modelos estabelecidos pelo passado, comenta.

Foi no Modernismo que essa busca pelo futuro se intensificou mais. O Brasil não foi uma exceção, e contava com grandes

autores e poetas que buscavam romper com as formas tradicionais de escrita. Ainda assim, a busca pelo passado no meio literário nunca deixou de existir.

Existem também personagens saudosistas, como Rubem Fonseca, um nostálgico que vive nesse momento contemporâneo dos anos 1980 para procurar o Rio antigo. Ele vai ter sempre a visão de que o passado é melhor do que o presente e que as modificações foram negativas, mas essa postura radical, negativista ou saudosista nem combina muito com os grandes escritores do século XX, afirma Giovanna.

Woody Allen deixa claro o seu pensamento em relação à nostalgia, afirmando, pelas palavras de um dos personagens, que: “para ser um bom autor é necessário sair da ilusão, que é o passado”. Ao mesmo tempo, o roteirista faz as próprias obras exalarem o passado distante, um que nunca conheceríamos se não fosse pela história e pela arte.



Cinema

Ficou interessado? Então pode preparar a pipoca, porque a Eclética selecionou para você outros filmes que remetem ao passado



Rosa Púrpura do Cairo (1985)

O filme retrata de forma nostálgica a primeira metade do século XX. A história gira em torno de Cecília, uma garçoneite que tem uma situação conflituosa com o marido. Ao ir ao cinema ver o mesmo filme pela quinta vez, ela vê o herói saltar da tela. O filme recebeu o Oscar de Melhor Roteiro Original.

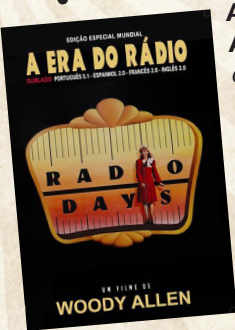
Diretor: WOODY ALLEN.



O pequeno Nicolau (2010)

Nicolau é um menino que mora em Paris da década de 1950. Um dia ele passa a acreditar que os pais vão ter um bebê e, sem condições de criar os dois, vão escolher ficar com o menor e abandonar o mais velho em uma floresta, como acontece na história infantil que ele ouviu na escola. O filme mostra o ponto de vista do protagonista sobre o mundo e nos faz lembrar como é ter a lógica de uma criança. O longa foi indicado ao César de Melhor Roteiro Adaptado.

Diretor: LAURENT TIRARD.



A Era do rádio (1987)

A história gira em torno das lembranças de um garoto judeu vivendo com a família em Nova York na época da Segunda Guerra Mundial. O filme faz o espectador voltar à época áurea do rádio, na qual ele era o maior veículo de comunicação, antes do surgimento da televisão. O filme foi indicado ao Oscar de Melhor Roteiro Original e Melhor Direção de Arte.

Diretor: WOODY ALLEN.



Cinema Paradiso (1988)

Um cineasta italiano volta à cidade natal após a morte de um amigo. As lembranças o fazem voltar à época em que ele era só uma criança que fugia para o Cinema Paradiso acompanhar as projeções dos filmes. Foi lá que ele se apaixonou pela sétima arte e passou a conviver com o projecionista Alfredo. O filme traz de volta os pequenos cinemas do interior, grande atrativo de cidadezinhas. O longa venceu o Oscar de Melhor Filme Estrangeiro.

Diretor: GIUSEPPE TORNATORE.

Literatura

E para os amantes de literatura, separamos dicas de leituras que vão fazer você voltar no tempo

A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro (1992)

O conto do livro retrata uma parte da vida de Augusto, um flunar, isto é, uma pessoa que gosta de caminhar sem rumo pelas ruas. Após ganhar na loteria, ele passa a dedicar a vida ao sonho de ser escritor e resolve conhecer o verdadeiro Rio de Janeiro. O personagem procura recuperar a memória da cidade, de espaços e locais que não existem mais. Menciona o passado a todo o tempo e expõe a saudade que sente por um período que gostaria de ter vivido.

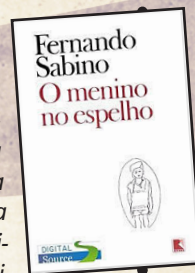
Autor: RUBEM FONSECA.



O menino no espelho (1982)

Esse infanto-juvenil narra as lembranças do autor quando ele era apenas um menino que morava em Belo Horizonte na década de 1920. São vários contos que fazem o leitor voltar para a época cujas maiores preocupações eram simples, como a do protagonista, que resolve salvar uma galinha da degola para transformá-la em um bichinho de estimação. A imaginação também está presente, permitindo lembrar como era fácil criar histórias e viver no meio delas como se elas fossem reais.

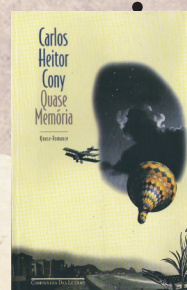
Autor: FERNANDO SABINO.



Quase memória (1962)

Tudo começa quando o autor recebe um envelope e nele reconhece a letra do pai, já falecido há dez anos. Ao observar pequenos detalhes, como o embrulho e o nó, Cony relembra características e histórias desse amigo sempre presente que possuía uma formidável vontade de viver. A relação pai e filho é resgatada a partir do verdadeiro protagonista da história: o também jornalista Ernesto Cony Filho. O livro ganhou dois prêmios Jabuti: de Melhor Romance e de Livro do Ano na categoria ficção.

Autor: CARLOS HEITOR CONY.



No teu deserto (2010)

Na história, um homem conhece uma jovem pouco antes de iniciar uma viagem de jipe pelo Saara e os dois acabam enfrentando a aventura juntos. Com isso, eles vivem uma história de amor que só dura enquanto ambos estão imersos no deserto. Vinte anos depois, o narrador descobre que a jovem que conheceu havia morrido. Sentindo-se nostálgico em relação ao período em que foram um casal, ele decide contar a história desse relacionamento que guarda na memória com tanto carinho.

Autor: MIGUEL SOUSA TAVARES.

